

A ficção dos pobres e o folclore dos letrados: Angela Carter e os contos de fadas

CARTER, Angela. *103 contos de fadas*. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 504 p. ISBN 8535910891.

Cleide Antonia Rapucci

Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Av. Dom Antonio, 2100, 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: rapucci@assis.unesp.br

Para a escritora inglesa Angela Carter (1940-1992), todos os aspectos da cultura estão em pé de igualdade. Em entrevista a John Haffenden, em 1985, afirma: "Se os contos de fadas são a ficção dos pobres, então talvez *Paraíso Perdido* seja o folclore dos letrados" (Haffenden, 1985, p. 85, tradução nossa). Nessa mesma entrevista, falando a respeito do uso do folclore, Carter observa que, na Inglaterra, o escritor tem de inventar muito mais do que Márquez ou Rushdie, já que, naquele país, não há uma classe camponesa supersticiosa e iletrada com uma rica herança ficcional obscura.

Nas duas coletâneas que organizou para a Virago, no início da década de 90, Carter reuniu contos folclóricos das mais variadas regiões: Índia, Marrocos, Palestina, Sibéria, Suriname, Japão, entre muitas outras. O primeiro, *The Virago Book of Fairy Tales*, foi publicado em 1990 e reimpresso, nos Estados Unidos, com o título *The Old Wives' Fairy Tale Book*. O segundo, publicado em 1992, como *The Second Virago Book of Fairy Tales*, recebeu, nos Estados Unidos, o título de *Strange Things Sometimes Still Happen*.

Em 2005, a Virago reuniu as duas coletâneas em *Angela Carter's Book of Fairy Tales*, agora publicado, no Brasil, pela Companhia das Letras, com o título *103 contos de fadas*, traduzido por Luciano Vieira Machado.

Para quem tem contato com os dois livros na sua apresentação inicial, uma primeira coisa salta imediatamente aos olhos no novo formato: a ausência das inconfundíveis ilustrações de Corinna Sargood, que formam um conjunto precioso com o texto de Carter. Em entrevista à Cristina Bacchilega (2001), publicada originalmente em 1998, Sargood fala de sua "amizade doméstica" de 30 anos com Angela Carter e da forma como trabalharam, em conjunto, nos dois livros. Comenta que Carter gostava mais das histórias impudicas ou engraçadas,

as mais difíceis de ilustrar. Podemos observar que as ilustrações fazem parte das histórias e a ausência desse "vocabulário visual" é, sem dúvida, uma perda nesse novo formato.

Outro detalhe curioso, na edição brasileira, é um adesivo na capa, que traz a definição do *Observer* para a coletânea: "Uma seleção mundial de histórias [para adultos] brutais e divertidas". Sem dúvida, essa é uma advertência aos leitores de que "essas histórias não são para crianças", conforme observa Corinna Sargood. Ela afirma que muitas pessoas reclamavam com ela que as histórias são inadequadas para crianças. No entanto, penso que a expressão "para adultos", com certeza, não agradaria à própria Carter. Ela não gostava da definição dada pela edição norte-americana de *The Bloody Chamber*, classificando seus contos como "contos de fadas para adultos", expressão que achava "horrorosa" (Haffenden, 1985, p. 84).

Na introdução, Carter declara que não reuniu esses contos para mostrar que somos todas irmãs sob a pele, mas quis demonstrar a riqueza e a diversidade com que o feminino é representado, na prática, pela cultura "não-oficial": suas estratégias, seus enredos, seu trabalho árduo. Carter ressalta que

as histórias têm apenas uma coisa em comum: todas giram em torno de uma protagonista. Seja ela inteligente, corajosa, boa, estúpida, cruel, sinistra ou tremendamente infeliz, ela está sempre no centro do palco, tão vasta quanto a vida (Carter, 2007, p. 17).

A reunião dos contos, em grupos, dá a dimensão dessas protagonistas: "Corajosas, ousadas e obstinadas", "Mulheres espertas, jovens astuciosas e estratégias desesperados", "Tolos", "Boas moças e o que acontece com elas", "Feiticeiras", "Famílias infelizes", "Fábulas morais" (do primeiro livro) e "Mentes Fortes e Artimanhas", "Maquinações: feitiçarias e trapças", "Gente bonita", "Mães e filhas", "Mulheres casadas", "Histórias úteis", do segundo.

A atividade de Carter como editora desses contos revela sua perspicácia no tratamento do feminino, a qual pode ser observada em sua própria escrita. Os contos de fadas sempre estiveram presentes na obra de Carter. No início da carreira, em 1970, a autora publicou *Miss Z, the Dark Young Lady* e *The Donkey Prince*, contos de fadas feministas, nos quais se podem observar heroínas que se desdobram em seus romances e contos.

Dentre os 103 contos que agora chegam ao Brasil, podemos escolher um que resume bem o espírito da típica heroína carteriana: “Vasilissa the Fair”, originalmente inserido em *The Second Virago Book of Fairy Tales*. O título, em inglês, do conto russo aponta a plurissignificação e a dificuldade de definição que essas personagens femininas apresentam, na sua resistência a qualquer enquadramento. O adjetivo “fair”, que tem múltiplas acepções, foi aqui traduzido como “a formosa”, mas, em *Mulheres que correm com os lobos* (Estés, 1994), a tradutora preferiu, talvez mais acertadamente, “a sabida”.

Vasilissa é uma história de iniciação da mulher, em que ela usa sua intuição para resolver as tarefas que lhe são atribuídas, sem medo de ficar exposta ao

vento e ao sol. Fala dos ritos de passagem, do caminho da mulher e de sua coragem de entrar no bosque, saindo do espaço doméstico claustrofóbico. Por isso, fala por Angela Carter, cujas personagens femininas buscam o ar livre, o espaço da amplidão, a zona selvagem.

Referências

- BACCHILEGA, C. In the eye of the fairy tale: Corinna Sargood and David Wheatley talk about working with Angela Carter. In: ROEMER, D.M.; BACCHILEGA, C. (Ed). *Angela Carter and the Fairy Tale*. Detroit: Wayne State UP, 2001. p. 225-241.
- CARTER, A. *103 contos de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ESTÉS, C.P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HAFFENDEN, J. *Novelists in interview*. London: Methuen, 1985.

Received on January 10, 2008.

Accepted on March 28, 2008.